

HISTÓRIA ORAL: UMA BUSCA PELA PALAVRA NÃO-ESCRITA.

Alunas: Juliana Cordeiro de Farias e Luciana dos Santos
Orientadora: Margarida de Souza Neves

Introdução

A PUC-Rio é um lugar de muitas memórias, ou seja, constrói memória e guarda uma memória institucional [1]. Para contribuir para esta dimensão da Universidade, o Núcleo de Memória da Pós-Graduação e da Pesquisa na PUC-Rio localiza, cadastra e disponibiliza os mais variados documentos históricos, sejam aqueles que se perpetuaram nos arquivos oficiais pela autoridade da palavra escrita ou aqueles construídos a partir das lembranças pessoais daqueles que testemunharam algo da trajetória da instituição.

Além de pesquisar, selecionar e publicar os documentos impressos e arquivados nos diversos acervos da universidade, o Núcleo de Memória dedica-se ao registro de entrevistas com antigos professores, funcionários e alunos da PUC-Rio. Através de depoimentos de personagens essenciais para o que hoje é a PUC, seguimos as pegadas que nos levam ao passado desta instituição.

Objetivos

Um dos objetivos de utilizar relatos memorialísticos como fonte documental é registrar versões que, normalmente, não seriam encontradas em documentos oficiais e institucionais.

Como indica Verena Alberti [2], o depoimento oral tem a vivacidade típica de documentos pessoais. É alguém que relata a sua experiência; e “sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que nos é caro; aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso dá vida a – as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes”.

O Núcleo de Memória procura valorizar os relatos orais e levar em conta sua especificidade. O entrevistado, em diálogo com os pesquisadores, narra sua experiência no momento da construção do documento histórico. Isto é, o documento é construído pelo historiador que, além de fazer as perguntas para o entrevistado, as faz também para o depoimento dado, retirando dele aquilo que é de seu interesse. Nosso objetivo é analisar o processo de seleção que está na base da produção do documento, além de explicitar os resultados que os métodos e técnicas da história oral proporcionam para o Núcleo de Memória.

Metodologia

Primeiramente, importa compreender as especificidades dos relatos memorialísticos como fonte documental. Neste exercício, explicitam-se não só os passos técnicos da entrevista, mas também especifica-se o processo de construção do documento, que se baseia numa série de seleções. A primeira consiste na escolha do entrevistado. Depois, faz-se uma seleção de perguntas a serem feitas. O próprio depoimento é o resultado de uma seleção por parte de quem concede a entrevista. E, por último, há a seleção do que será útil para a memória que está sendo construída. Aqui serão discutidas as especificidades e características da história oral dentro do cotidiano dos pesquisadores do Núcleo.

Para tanto, foram escolhidas entrevistas feitas pelo Núcleo de Memória para servirem como um exercício problematizador deste processo de produção de documentos. A partir dessas entrevistas selecionadas, será possível desenhar o caminho que a história oral percorre até seu resultado final.

Por fim, serão analisados os resultados e acréscimos que esta forma de fazer memória possibilita para o Núcleo.

Conclusão

Enquanto a fotografia enquadra, seleciona um foco e registra um momento, a história oral registra uma vivência, emoções e sentimentos.

Para trabalhar com a história oral, deve-se ter em mente algumas particularidades dos trabalhos da memória pessoal e de sua relação com a memória coletiva. A primeira é a relação entre lembrança e esquecimento, uma e outra dimensões constitutivas da memória. A segunda é processo seletivo sempre presente nas operações memorialísticas, e que implica apagamentos voluntários ou involuntários que são, sempre, significativos. A terceira é o entrecruzamento, nas entrevistas, de temporalidades distintas: o tempo lembrado e o tempo da lembrança. O historiador que trabalha com história oral deve saber lidar com estas variáveis e estimular as lembranças de quem entrevista.

Além disso, a memória é incerta. Datas confundem-se com passagens da vida, e fatos perdem-se em meio a emoções. É preciso lembrar que se trata de um depoimento pautado pela subjetividade e não a transparência do que realmente aconteceu, no que, por certo, não é distinto de qualquer outro tipo de documento.

O Núcleo de Memória, que dá agora seus primeiros passos em direção à constituição de um acervo de entrevistas e de uma metodologia de história oral, a cada dia aprende mais a respeito desse tipo de documentação. Vivendo, ouvindo o contado e aprendendo.

Referências

- [1] Pierre NORA. *“Entre memória e história: a problemática dos lugares.”* IN Revista *Projeto História*. Nº 10 *História & Cultura*. São Paulo, PUC-SP – Programa de Pós-Graduação em História, dezembro de 1993. Pp. 7 a 26.
- [2] ALBERTI, Verena. *Ouvir Contar: Textos em História Oral*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2004, p. 14.